

P
C
T
99
06

Capítulo 3 Os fatores do desenvolvimento psíquico

O desenvolvimento psíquico da criança apresenta as mesmas oposições que se observam em qualquer devir, mas que nesse caso colocam problemas importantes devido a sua amplitude e à diversidade de suas condições. Tendo partido, com o bebê, de um estágio que mal se distingue do do parasitismo, tende para um nível em relação ao qual o comportamento das outras espécies animais mal passa de um começo, pois, no homem, os motivos que possam surgir das circunstâncias naturais ficam abafados pelos que procedem de uma sociedade de formas complexas e instáveis. A influência que ela é capaz de exercer pressupõe no indivíduo um equipamento de aptidões extremamente diferenciadas, cuja formação depende da espécie. Assim, na criança enfrentam-se e se implicam mutuamente fatores de origem biológica e social.

Ao mesmo tempo que em cada etapa se realiza um equilíbrio estável entre possibilidades atuais e as condições de vida correspondentes, tendem a ocorrer mudanças cuja causa é alheia a essa relação funcional exata. Essa causa é orgânica. No desenvolvimento do indivíduo, a função desperta com o crescimento do órgão, e o órgão muitas vezes a precedeu de longe. Desde o nascimento, as células nervosas são mais numerosas do que jamais o serão novamente e, se algumas delas forem destruídas ao longo da vida, não serão substituídas. Mas

durante quantas semanas, meses e anos muitas delas não permanecerão adormecidas? Enquanto não estiver realizada a condição orgânica de seu funcionamento: a mielinização de seu axônio. Muitos outros órgãos também precisam terminar sua diferenciação estrutural antes de revelar sua função, cujas primeiras manifestações em geral não passam de um exercício livre e sem outro motivo senão ele mesmo.

A razão de seu crescimento não está, portanto, no presente, mas no tipo da espécie que cabe ao adulto realizar. Está ao mesmo tempo no futuro e no passado. Cada idade da criança é como um canteiro de obras cuja atividade presente é assegurada por certos órgãos, enquanto se edificam massas imponentes, que só terão uma razão de ser em idades posteriores. O objetivo perseguido é apenas a efetivação do que o *genótipo* ou germe do indivíduo continha em potência. O plano segundo o qual cada ser se desenvolve depende, portanto, de disposições que ele recebeu de sua primeiríssima formação. Sua realização é necessariamente sucessiva, ela pode não ser total e, por fim, as circunstâncias modificam-na em maior ou menor medida. Por isso distinguiram do *genótipo* o *fenótipo*, que consiste nos aspectos sob os quais o indivíduo se manifestou durante a vida. A história de um ser é dominada por seu *genótipo* e constituída por seu *fenótipo*.

Entre ambos existe certa margem de variação. Mas é difícil definir sua extensão, pois só o *fenótipo* é diretamente acessível à observação. Quanto ao conteúdo do *genótipo*, seria preciso deduzi-lo de uma comparação entre genitores e descendentes, atribuindo a ele os traços que lhes são comuns e que não podem ser explicados pela influência do meio ou dos acontecimentos. A comparação entre grupos de gêmeos homo e heterozigotos possibilitou que diferentes observadores imputassem ao *genótipo* as aptidões que são semelhantes nos primeiros e diferentes nos segundos. É certo que, nas condições habituais, a extrema diversidade de vida de nossas sociedades torna a comparação muito complexa, mas a diferenciação entre o que permanece constante e o que cabe a múltiplas cir-

cunhâncias fazer variar também poderia ficar mais clara em função disso.

No entanto, é preciso saber distinguir as influências. Algumas são muito tenazes, outras se exercem sobre uma área muito extensa. Portanto, se a comparação não for suficientemente extensiva no tempo e no espaço ou se não aproveitar os casos de variação accidental para fazer um exame rigorosamente diferencial de suas condições, seus efeitos poderiam ser enganosos no tocante a traços duradouros e essenciais de uma raça ou aos de grupos profundamente homogêneos. Em outros domínios, a transformação das circunstâncias é bem mais rápida, bem mais diversificada. Entre gerações ou entre grupos relativamente próximos, às vezes até entre indivíduos, pode haver variações sensíveis. É preciso levá-las em conta para não concluir sem justo motivo pela existência de superioridades ou de inferioridades fundamentais.

O genótipo pode ser visto como o intermediário, um tanto variável, aliás, de acordo com as linhagens e os cruzamentos, entre a espécie e o indivíduo. Nele estaria inscrita a história da espécie, cujos traços essenciais a história do indivíduo apenas reproduziria. Tal é ao menos a teoria daqueles para quem a ontogênese é uma repetição da filogênese. Originou-se das similitudes morfológicas que as etapas da vida embrionária teriam com as formas animais, cuja sucessão baliza o caminho seguido pela evolução das espécies. Alguns psicólogos acreditaram poder aplicá-la ao desenvolvimento do indivíduo em suas relações com a evolução das civilizações humanas, explicando assim as semelhanças observáveis, nas sucessivas idades da criança, entre as formas de seu comportamento e a seqüência de práticas ou de crenças pela qual passaram as sociedades humanas.

Seriam uma reminiscência das idades desaparecidas certos jogos de guerra da criança, por exemplo, sua invenção, ou melhor, sua reinvenção do arco e flecha. E também sua cha-

mada mentalidade mágica, ou seja, sua crença no poder da vontade sobre as coisas e os fatos, seja diretamente, seja por intermédio de simulacros ou fórmulas. Freud deu grande importância a essa revivescência de pensamentos ancestrais em sua psicanálise. Os jogos de faz-de-conta, os contos que tanto agradam à criança, os sonhos do adulto, algumas de suas criações estéticas seriam um retorno à forma mítica pela qual se exprimiam as mais antigas civilizações e que, hoje, os desejos reprovados pela nossa utilizaríamos para se manifestar de forma dissimulada. Situações que pertenciam às primeiras idades da humanidade e que a moral dos povos sempre combateu poderiam sobreviver dessa forma em cada indivíduo.

Em seu campo de origem, o da embriogênese, a assimilação entre a onto e a filogênese despertou objeções. Ademais, não é um argumento necessário para justificar o transformismo. Por que as mudanças provocadas pela passagem de uma espécie para outra não incidiriam tanto sobre as etapas do crescimento quanto sobre as características do animal adulto? Como a recapitulação do passado não ficaria de certa forma escamoteada pela necessidade bem mais urgente de realizar o novo tipo de organização? Aqui, pelo menos, o problema tem dados precisos: a comparação de formas entre si e a ordem na qual elas se sucedem.

No plano da psicogênese, ao contrário, o paralelismo onto-filogenético não só carece de critérios objetivos como comporta insuperáveis inverossimilhanças. Se as etapas da vida mental na criança tivessem por protótipo e por condição as etapas da civilização humana, o vínculo entre os termos que se correspondem nas duas séries só poderia ser uma estrutura material cuja posição no desenvolvimento do indivíduo e da espécie estaria estritamente determinada. Entre indivíduos pertencentes a níveis diferentes de civilização, o intervalo seria igual ao número de gerações necessárias para que se suceda a série das estruturas intermediárias, ou seja, ele seria intransponível, não só para eles mesmos, mas para uma porção mais ou menos grande de sua posteridade. A experiência mos-

trou porém que, embora o desacordo entre dois adultos já formados possa ser irreduzível, nas crianças suficientemente jovens, ao contrário, o meio em que são criadas enxerta a civilização correspondente.

Diferentemente das formas embriogênicas, que são objeto de observação, a existência de estruturas que corresponderiam aos sistemas ideológicos é, ademais, indemonstrável. Mais ainda, é insustentável. Todas as constatações da psicologia contemporânea provam que o funcionamento da atividade mental se tornaria inconcebível se fosse preciso decompor suas operações em elementos que tivessem cada qual por sede e por órgão um elemento ou uma combinação de elementos orgânicos. Por isso, a linguagem fornece um exemplo que foi particularmente estudado. Incontestavelmente, ela só é possível pela existência de centros especializados – e, aliás, muito extensos em profundidade, isto é, que implicam atividades de níveis muito diferentes – que surgiram na espécie humana. Mas ela não está de forma alguma pré-formada nesses centros. É do meio que depende o sistema lingüístico que a criança aprende a usar. Esse sistema, aliás, pode não ser único, e, quando vários se desenvolvem no mesmo indivíduo, suas relações podem ser psicologicamente muito diferentes: perfeita equivalência, ou referência de todos a um deles, que então é o único a estar em ligação imediata com as intenções e o pensamento. Em suma, fórmulas muito semelhantes podem servir de expressão para atividades psíquicas de níveis muito diversos, segundo as circunstâncias, segundo as disposições ou as possibilidades mentais do sujeito e também segundo a idade da criança.

Não existe reação mental que seja independente, se não sempre no presente ao menos em termos de seus recursos e de seu conteúdo, das circunstâncias exteriores, de uma situação, do meio. Esse é mais um aspecto que se opõe a uma exata assimilação do desenvolvimento psíquico com o desenvolvimento embrionário que, ao contrário, prossegue a portas fechadas sob a exclusiva influência de fatores orgânicos. A simi-

litude que às vezes se constata entre certas atitudes ou operações mentais das crianças e aquelas dos que costumam ser chamados genericamente de primitivos parece explicável por uma similitude, totalmente relativa, aliás, de situação. O meio colabora com nossa atividade através de instrumentos e técnicas tão intimamente ligados às práticas e às necessidades de nossa vida cotidiana que muitas vezes nem desconfiamos de sua existência. Mas a criança só aprende a dispor deles progressivamente. Portanto, em cada uma de suas idades sucessivas ela está na situação daqueles para quem essas técnicas ainda não existiriam, como é o caso, em graus variados, dos supostos primitivos.

Dentre essas técnicas, as intelectuais não são as menos importantes, elas investem a criança primeiro e sobretudo por intermédio da linguagem, mas somente na medida do uso que a criança consegue fazer dela. Essa aprendizagem não termina antes dos últimos anos da infância e pode alcançar níveis muito diversos. Mas também entre as linguagens há níveis. Conforme o estado das culturas correspondentes, são instrumentos intelectuais mais ou menos elaborados. Dessa elaboração, aliás, o trabalho dos pensadores nos dá um exemplo explícito no curso da história. No tocante às palavras e às noções de que depende nossa compreensão diária do mundo, quantos esforços de definição encontramos em Descartes, Aristóteles, Platão. De um para o outro, parecemos caminhar na direção do menos compreensível e, às vezes, com Platão, até o limiar do incompreensível: já não vislumbramos com ele o horizonte muito longínquo do que Lévy-Bruhl chamou a mentalidade pré-lógica? Mas essa elaboração, deliberada nos filósofos de outrora e nos estudiosos de hoje, também se dá na consciência comum e na linguagem usual, sob a pressão dos costumes ou dos objetos que pertencem ao regime de vida e às técnicas da época.

Entre a criança e o primitivo, a distinção é clara. A primeira está em presença de técnicas que ainda não sabe utilizar; para o outro, elas faltam. A comparação entre eles é sem

dúvida útil, não para que encontremos na criança um estágio do passado, mas porque nos permite adivinhar a parte que cabe aos instrumentos e às técnicas da inteligência no exercício do pensamento. Assim, ficamos protegidos do risco de considerar uma criança de 12 anos mais inteligente que Platão ou ao menos que um primitivo eminente no seu clã, e de confundir o nível da lógica com a potência do pensamento. Será preciso acrescentar que, mesmo reduzida a esses termos, a aproximação deixa subsistir um imenso intervalo entre a criança, cujo pensamento, desprovido de moldes, sofre as pulsações da sensibilidade, e o primitivo conduzido pelo sistema tenaz de seus hábitos mentais e de suas crenças.

Embora o desenvolvimento psíquico da criança suponha uma espécie de implicação mútua entre fatores internos e externos, não é impossível distinguir sua participação respectiva. Aos primeiros é imputável a ordem rigorosa de suas fases, que tem como condição fundamental o crescimento dos órgãos. Na diferenciação que faz sair do ovo, onde estão em potência, mas invisíveis, as estruturas do futuro organismo, corpos de constituição química relativamente simples parecem desempenhar um papel decisivo de estimulação e regulação. São os hormônios, secreção das glândulas endócrinas. Dotados cada um de uma rigorosa especificidade, embora muitas vezes em relação de dependência recíproca, mantêm sob seu controle o surgimento e desenvolvimento de cada espécie de tecido. O encadeamento de suas intervenções responde com a mais exata precisão às necessidades do crescimento, e, como a seu papel morfogênico se acrescenta uma ação igualmente eletiva sobre as funções fisiológicas e psíquicas, Von Monakow via neles um substrato material dos instintos.

De fato, parecem exercer uma influência considerável sobre as correlações somato-psíquicas. É, por exemplo, a secreção das glândulas *intersticiais* incluídas nos órgãos genitais que está na origem das mudanças físicas e psíquicas conheci-

das pelo nome de puberdade. A preponderância de uns ou outros hormônios costuma-se imputar as diferenças de conformação física e de temperamento psicofisiológico, que muitos se dedicam hoje a classificar em tipos a fim de basear neles o estudo do caráter e o de diversas afecções mentais. Tais investigações poderiam ter um duplo interesse em se tratando da criança: primeiro, identificar durante seu desenvolvimento os sinais anunciadores, as particularidades nascentes e talvez em parte as causas do tipo que ela realizará mais tarde; e também se indagar se as etapas de seu crescimento, que acarretam variações consideráveis nas proporções relativas da cabeça, do tronco, dos membros, de suas partes e de seus segmentos, não assemelhariam a criança sucessivamente a diferentes biótipos, aos quais corresponderia a diversidade de seus sucessivos comportamentos.

Entre o crescimento dos membros e sua atividade própria, existe em todo caso uma relação. Mas ela pode ser de sentido inverso. Ora é positiva, isto é, aumentam simultaneamente as dimensões e a habilidade de uma região, por exemplo, da raiz ou da extremidade de um membro. E a explicação disso deve estar numa solidariedade trófica entre os órgãos periféricos e os centrais de uma mesma função: aparelho articular e músculos por um lado, centros nervosos por outro. Ora, ao contrário, uma falta de jeito mais ou menos duradoura acompanha um aumento rápido das dimensões. Um exemplo bem conhecido é a mudança de voz na puberdade: os sons tornam-se bitonais e discordantes, porque os automatismos adquiridos são momentaneamente perdidos pelas alterações no órgão. No primeiro caso, tratava-se de uma aptidão bruta, elementar e como que em potência; neste, trata-se de operações complexas, já constituídas em sistema, que ficam comprometidas por uma transformação de seu instrumento. A oposição desses dois efeitos se explica pela diferença de seu nível funcional.

Quando se trata de atividades mais especificamente psíquicas e sem concomitantes orgânicos visíveis, a relação dos

fatores internos e externos deu lugar a um maior número de discussões. A explicação espontânea consiste em ordenar entre si os fatos imediatamente apreensíveis e, então, a ordem de sua sucessão se torna causalidade. São as reações de que o bebê já é capaz que supostamente constituem o material de onde sairão, por combinações e adaptações sucessivas, as elaborações posteriores da vida mental. Ademais, é freqüente que esse material esteja calcado mais nas necessidades de explicação do que numa observação precisa dos fatos. É por isso que, na época em que o edifício psíquico parecia cada vez mais redutível a sensações, nem se colocava a questão da diferença delas na criança e no adulto, embora isso fosse indiscutível. Agora que uma representação mais ativista da vida mental tornou-se corrente, esquemas motores passaram a substituir as sensações, mas ainda são utilizados como unidades que continuariam equivalentes em todas as etapas da evolução psíquica; quando, na verdade, integrações progressivas mudam não só a aparência externa e o mecanismo neurológico das manifestações motoras, como também suas conexões funcionais e sua significação pragmática.

Essa integração é a condição, mas não pode ser a consequência da evolução psicomotora. Coloca-se aqui o problema das relações entre a maturação e a aprendizagem funcionais. Imputar sistematicamente à maturação de órgãos correspondentes cada progresso constatado seria, sem dúvida, apenas uma forma modificada das velhas explicações que se contentavam em remeter cada efeito a uma entidade calcada nele. Mas contestar *a priori*, como fez Piaget em seu livro *La Naissance de l'intelligence chez l'enfant* [O nascimento da inteligência na criança], o surgimento na evolução psíquica de atividades novas, cuja fonte necessária é o despertar funcional de estruturas orgânicas que atingem a maturidade, leva-o a confundir uma simples descrição, ainda que rica, penetrante e engenhosa, com as condições profundas da vida mental.

Quem fala de maturação funcional deve incontestavelmente demonstrar sua existência. Foi a isso que se dedicaram

vários autores. Foram feitas experiências com filhotes de animais ou com crianças. Os resultados são semelhantes. Entre dois grupos de sujeitos, a um dos quais é facultado se exercitar e o outro é privado dessa possibilidade, a diferença de desempenho desaparece rapidamente assim que a idade da função é alcançada e cessa a diferença das condições externas. O nível funcional atingido pelos primeiros ao final de várias semanas é alcançado em poucos dias pelos segundos, prova de que a idade faz mais que o exercício. No lugar de grupos numerosos o suficiente para que a diversidade das aptidões individuais possa ser compensada, Gesell comparou gêmeos homozigotos, isto é, dois seres cuja semelhança é a mais completa possível: um é exercitado para subir uma escada desde as 46 semanas de vida e o outro apenas com 53; em duas semanas, o segundo alcançou o irmão. Entenda-se que os atos estudados sempre foram atos naturais, como beliscar alimento, andar, pegar, falar, cuja aquisição é constante em todo indivíduo normal que vive num meio normal. Estímulos, circunstâncias apropriadas são decerto necessários para que eles ocorram, mas sua utilização só se toma realmente eficaz no momento em que as condições biológicas da função atingem a maturação.

Quando a aquisição incide sobre atividades mais artificiais, ou seja, que não aparecem durante o desenvolvimento a menos que haja circunstâncias particulares, condições funcionais adequadas não são menos necessárias, mas a importância da aprendizagem se torna essencial. Aliás, é geral a lei segundo a qual os efeitos dos quais nem a forma, nem o grau, nem a cronologia podem ser sensivelmente modificados pelo exercício são reações primitivas, reações que pertencem ao equipamento psicobiológico da espécie e cuja maturação funcional é a condição predominante. Ao contrário, o que o exercício pode desenvolver ou diversificar depende de atividades combinadas em que se traduzem os dons individuais de adaptação, de iniciativa e de invenção.

Na espécie humana, o adulto dispõe de atividades com a ajuda das quais pode se esquivar das imposições do ambiente imediato. As circunstâncias externas pode contrapor um mundo de motivos que descobre em si mesmo, independentemente da fonte de que foram hauridos, e que funcionam como um regulador interno de sua conduta. Portanto, deve-se supor no ponto de partida um equipamento psicobiológico bem mais complexo que nas outras espécies. Em contrapartida, a criança permanece por muito mais tempo desarmada ante as necessidades mais elementares da vida, e as oportunidades de aprendizagem que encontra no meio externo ganham então uma importância decisiva. Há, pois, uma relação inversa entre a riqueza do equipamento e o acabamento de suas partes. Quanto maior o número de possibilidades, maior sua indeterminação. Também, quanto maior a indeterminação, maior a margem de progresso. Uma função que não tem de encontrar sua fórmula tampouco consegue se adaptar a circunstâncias diversas.

O fato de que ao nascer um ser seja incapaz de subsistir sozinho por falta de maturação suficiente de seus órgãos foi comparado a um caso de prematuração. Nenhum exemplo é mais notável que o do canguru, cujo filhote sai do útero da mãe e volta a se integrar a sua bolsa abdominal, onde espera até poder enfim suportar os rudes contatos com o mundo exterior. A prematuração é normal em várias espécies de mamíferos. Sua precocidade parece aumentar de forma proporcional à elevação do nível evolutivo da espécie. Atinge de longe seu mais alto grau no homem e vem acompanhada de uma inversão na ordem dos recursos a seu alcance, que prepara a orientação totalmente nova de sua existência.

Enquanto o filhote de animal, às vezes ao preço de exemplos e provocações maternas, ajusta suas reações diretamente às situações do mundo físico, a criança permanece meses e anos sem poder satisfazer nenhum de seus desejos sem ser com a ajuda do outro. Portanto, seu único instrumento será o que a põe em relação com os que a rodeiam, isto é, as suas

reações que suscitam no outro condutas proveitosas para ela e reações alheias que anunciam essas condutas ou condutas contrárias. Desde as primeiras semanas e desde os primeiros dias, constituem-se encadeamentos dos quais surgirão as primeiras bases do que virá a servir para as relações interindividuais. As funções de expressão precedem de longe as de realização. Preludiando a linguagem propriamente dita, elas são as primeiras a pôr sua marca no homem, animal essencialmente social.